ISSN: 2594-6153

Resgate de Metodologias no Auxílio dos Processos de Comunicação em Crianças com TEA Não Verbal

Elaine Cristina de Oliveira[1,2], Solange Rodrigues Alcantara[2] , Wesley Werner da S. Nunes [1,2]

[1]Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), Santos-SP, Brasil

[2]Unidade Municipal de Ensino Padre José de Anchieta, Cubatão – SP, Brasil

Email: elaineoliveira1977@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe a discussão sobre a utilização de instrumentos e intervenções pedagógicas com vistas à inclusão qualitativa de discentes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), no ambiente escolar. Neste sentido a presente pesquisa apresenta um relato de prática docente, por meio da proposição e aplicação de uma etapa vibracional da Metodologia Tadoma em uma discente com TEA-não verbal, para o seu desenvolvimento sociocognitivo, concomitante a melhor fruição do processo de comunicação. Os referenciais teóricos dessa pesquisa são: Bereohff (1994); De Oliveira, De Paula, (2018) sobre TEA e Gadotti (1998) sobre ensino-aprendizagem. O objetivo deste trabalho é estimular a discussão sobre o uso de uma etapa da Metodologia Tadoma para o desenvolvimento do processo de comunicação e socialização dos alunos com TEA-não verbal, promovendo também uma mediação docente, no que se refere a oportunizar condições pedagógicas necessárias para que o estudante vivencie uma experiência de Educação Inclusiva.

Palavras-chave: TEA; comunicação; Oralidade; Tadoma; Inclusão;

Redemption of Methodologies in the Aid of Communication Processes in Children with Nonverbal AAS

Abstract: This work proposes the discussion about the use of instruments and pedagogical interventions with a view to the qualitative inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the school environment. In this sense, the present research presents a report of teaching practice, through the proposition and application of a vibrational stage of the Tadoma Methodology in a student with TEA-nonverbal, for their socio-cognitive development, concomitant with the better enjoyment of the communication process. The theoretical references of this research are: Bereohff (1994); De Oliveira, De Paula, (2018) on TEA and Gadotti (1998) on teaching-learning. The objective of this work is to stimulate the discussion about the use of a stage of the Tadoma Methodology for the development of the communication and socialization process of the students with ASD-non-verbal, also promoting a teacher mediation, regarding the pedagogical conditions necessary for that the student experiences an Inclusive Education experience.

Keywords: TEA; Communication; Orality; Tadoma; Inclusion;

Introdução

Dentro da sala de aula regular, o processo de inclusão escolar prevê que todos os alunos frenquentem e se opõe a qualquer tipo de exclusão. Desta maneira, todos os educandos são

tratados igualitariamente e devem ter a oportunidade de aprender seja qual for a sua condição. A demanda por compreender as diferenças enquanto particularidades de cada indivíduo é característica inerente a proposta de inclusão, como salienta COLL, et. al, (2004) [1]:

> [...] tanto o indivíduo como a família e a escola convertem-se nos âmbitos próprios de avaliação; interessa conhecer as condições pessoais do aluno e a natureza das experiências que lhe são proporcionadas em casa e na escola, a partir da interação com os adultos e os companheiros em tais contextos e com os elementos materiais presentes (COLL, et. al., 2004, p. 280).

Para que a inclusão se efetive nas unidades de ensino, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação direcionada à cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconheçam e valorizem as diferenças. Nesse sentido, expõe FREITAS (2013) [2]:

> A escola como comunidade inclusiva deve ser um espaço institucional que se vê aperfeiçoado com os processos de inclusão e não um território que se revela invadido e inviabilizado pela presença de corpos e mentes fora do padrão. Por isso, a inclusão diz respeito também ao aluno que não pode ficar na escola. (FREITAS, 2013, p. 100).

Segundo DE OLIVEIRA, DE PAULA, (2018) [3]:

> Os TEA são distúrbios do neurodesenvolvimento de início precoce (em geral antes dos três anos de idade), curso crônico, caracterizados principalmente por um desvio no desenvolvimento da sociabilidade. A variabilidade do quadro é marcante, impactando os indivíduos em aspectos e graus diversos, com destaque para comunicação, aprendizado, adaptação em atividades de vida diária e nos relacionamento pessoais, lembrando que alguns indivíduos têm bastante dificuldade de se relacionar com os outros, enquanto outros indivíduos com TEA aceitam passivamente as interações sociais, mas não iniciam e apresentam dificuldade em mantê-la de forma típica (OLIVEIRA, DE PAULA, 2018, p. 2)

Por conseguinte, é necessário também esclarecer que os TEA são muito mais frequentes do que se acreditava década atrás, fato que precisa ser considerado no planejamento de políticas públicas, tanto no campo da educação quanto da saúde (De Oliveira, De Paula, 2018, p. 2)[3]. Tal consideração se fundamenta em estudos recentes, como aponta (Idem. Ibidem, 2018, p. 2)[3] ao expor: Os estudos atuais, quase todos realizados em países desenvolvidos, apontam taxa de prevalência de TEA entre 0,6% e 1%. Um estudo piloto brasileiro estimou uma prevalência de 0,3% em crianças de 7 a 12 anos de idade de um município típico do Estado de São Paulo. À frente dessas informações apresentadas, e levando-se em conta que as políticas de inclusão escolar existem há quase duas décadas, o contexto da escolarização dos estudantes com TEA ainda se constitui um tema polêmico e controverso para sociedade brasileira, o que justifica a realização de pesquisas acadêmicas com vistas a contribuição das dicussões no cenário atual, de forma a promover uma educação

inclusiva de verdade, por meio de aperfeiçoamento das políticas públicas, em especial no processo de inclusão escolar DE OLIVEIRA, DE PAULA, (2018) [3].

Há duas décadas foi possível observar que a política de Educação Especial vem construindo os caminhos da escolarização inclusiva de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), entretanto a temática de inclusão destes estudantes ainda é polêmico e questionável, constituindo-se um campo de ampla discussão, em que pesquisadores buscam elaborar o melhor modelo a ser seguido. Salienta-se que os alunos com TEA, em função das manifestações comportamentais, demonstram o quanto é desafiante a escolarização destes alunos.

Objetivos

O objetivo deste trabalho é apresentar a aplicação de uma etapa da Metodologia Tadoma em uma estudante com TEA não-verbal para o desenvolvimento de sua oralidade, comunicação e socialização.

Material e métodos

O método Tadoma foi inventado pela professora estadunidense Sophia Alcorn e desenvolvido na Escola Perkins para cegos, em Massachussets. A origem do nome é baseada nas duas primeiras crianças a aprenderem o método: Winthrop “Tad” Chapman e “Oma” Simpson. Esperava-se que após terem contato com este método os alunos aprendessem a falar, tentando reproduzir o que eles sentiam ao tocar o rosto do falante e a garganta, enquanto tocavam o próprio rosto. É um método de difícil aprendizado e uso, sendo raramente utilizado hoje em dia, somente um pequeno número de pessoas surdo-cegas o utilizam, (HUFFMAN, 2018) [4]. Ao falarmos em Tadoma, nos referimos ao método de vibração do ensino da fala. Para sua utilização, é necessário que haja sensibilidade na percepção, principalmente tátil. Tal abordagem se justifica quando analisamos que a sensibilidade na criança com TEA é um ponto que nos chama a atenção. Muitas crianças apresentam distúrbios de sensibilidade, algumas sentem na pele as coisas muito mais fortes e estímulos visuais e auditivos exacerbados. Se por um lado essa hipersensibilidade é um aspecto negativo para a interação social, por outro, é essencialmente positivo para o método Tadoma, uma vez que essas percepções estão mais ativas, e foi assim que demos início à experimentação dessa técnica. Não utilizamos a técnica em toda sua estrutura, mas sim parte dela, em sua essência fundamental que é a “vibração”. Para isso usamos os três dedos da mão: indicador, médio e anelar da aluna no pescoço do aplicador, na altura vibracional das cordas vocais, para que ela

perceba a vibração das palavras. Em seguida, do mesmo modo, em seu próprio pescoço para que sinta sua vibração.

Discussão

Em 2017 recebemos em nossa escola UME Padre José de Anchieta, em Cubatão, a aluna Lívia, com nove anos de idade, diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e não verbal. Algumas crianças com TEA não verbal recebem o diagnóstico após os dois anos de idade. São crianças que nascem e se desenvolvem como qualquer criança neurotípica e por entre dois ou três anos começa a apresentar comportamentos diferentes, como se estivessem regredindo em seu desenvolvimento. Uma dessas regressões, muitas vezes aparece no desenvolvimento da fala (comunicação), crianças que já haviam adquirido a habilidade de se comunicar através da oralidade, deixam de falar e emudecem. Isso é o que denominamos de autismo regressivo.

A aluna Lívia deixou de se comunicar por meio da fala, por volta dos dois anos de idade segundo os responsáveis. Desde então, vem sendo assistida por profissionais das áreas da saúde e da educação, o que muito contribuiu e continua a contribuir para o seu desenvolvimento comportamental. Entretanto, ainda apresentava dificuldades na linguagem qualitativa dificultando sua interação social e o processo de aprendizagem. Ao organizar, planejar e realizar suas atividades pedagógicas utilizamos técnicas e metodologias, tais como os Picture Exchange Communication (PECs) – Sistema de Intervenção Aumentativa/Alternativa de Comunicação Exclusivo para indivíduos com TEA. Isto é, o uso de recursos tecnológicos (computador) e outros meios, como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem, mesmo com a utilização destas metodologias e instrumentos a estudante não conseguia se expressar na comunicação. Diante desse impasse, sabíamos que a aluna não possuía nenhum comprometimento fisiológico que a impedisse de falar, portanto buscamos estratégias que nos auxiliassem a resolver a questão do processo de comunicação e pesquisamos diversas metodologias em outras deficiências com este fim. Voltamos nosso olhar para o Tadoma – metodologia usada para surdo-cegueira.

Resultados

Utilizamos palavras como “xixi”, “água”, sempre tendo a preocupação de construir relações com o concreto, com o real, com o vivido para que sua fala tivesse significado e significância, como esclarece Vygotsky (2001, p. 131) [5]: “a relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo: o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra”. Após um ano de aplicabilidade da metodologia a estudante ampliou

seu repertório de palavras, indo desde os termos já citados que demonstram suas primeiras necessidades, como também expressando emoções, além de já poder cantar trechos de músicas infantis de seu interesse.

Conclusões

Ensinar uma criança com TEA é um grande desafio, mas também um grande privilégio. Segundo Bereohff "é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação, normalidade e competência profissional" (BEREOHFF, 1994, p. 11) [6]. Sendo assim, levando em consideração todas as características do TEA, suas individualizações e as dificuldades que afetam e consequentemente prejudicam a interação social e o domínio de linguagem e comunicação, as práticas pedagógicas devem ser elaboradas respeitando essas limitações, mas ao mesmo tempo serem voltadas ao incentivo e à superação. Nesse sentido retomamos o pensamento de Gadotti (1997, p. 03) [7] "o projeto da escola depende, sobretudo da ousadia de seus agentes", portanto ao planejar e criar estratégias que visem estimular a superação dessas barreiras é que o professor precisa ser ousado. É na escola que deparamos com os diferentes tipos de TEA e suas heterogeneidades.

Agradecimentos: Agradecemos a: Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), por meio do apoio fornecido para elaboração e realização deste trabalho; Professoras do Projeto Cuidar e Educar Incluindo: Marília Roseane Mallen Barbosa de Oliveira e Márcia Regina Bezerra Lopes da UME Padre José de Anchieta em Cubatão; Secretaria Municipal de Educação de Cubatão e a UNISANTA pela possibilidade de participação neste evento.

Referências bibliográficas

1. COLL, C. et. al. Desenvolvimento psicológico e educação. 3.v. Porto Alegre – RS: Artmed, 2004.
2. FREITAS, M. C. De. O aluno incluído na educação básica*:* avaliação e permanência. São Paulo: Cortez, 2013.
3. DE OLIVEIRA, J.; DE PAULA, C. S. Estado da arte sobre inclusão escolar de alunos cm transtornos do espectro do autismo no Brasil. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v. 12, n. 2, 2018.
4. HUFFMAN, V. Deafblind: Tadoma Method vs. American Sign Language. Tadoma Method: Disponível em: http://www.lifeprint.com/asl101/topics/tadoma.htm. Acesso em: 19 set. 2018.
5. VYGOTSKY, L**.** S**.** A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
6. BEREOHFF, A. M. P.; LEPPOS, A. L.; FREIRE, H. V. Considerações Técnicas sobre o atendimento psicopedagógico do aluno portador de condutas típicas da síndrome do autismo e de psicoses infanto-juvenis. Brasília: ASTECA, 1994.
7. GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.). Autonomia da escola: princípios e propostas. São Paulo: Cortez, 1997.